

MULHERES VERDE-OLIVA

A presença do segmento feminino é marcante em algumas organizações militares do Exército Brasileiro. Essa participação se notabiliza, não só pelo efetivo de mulheres desempenhando diferentes atividades, como também pela capacidade profissional que demonstram no exercício de suas funções.

Karenine M. Rocha da Cunha – Professora de Jornalismo no CEP/FDC



efetivo do Centro de Idiomas do Exército (CIdEx) é constituído por 26 mulheres e seis homens. No Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx), são 22 mulheres e cinco homens. No Centro de Estudo de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC), de um efetivo de mais de 140 oficiais e sargentos, 12 são do sexo feminino. Nas três instituições, todas localizadas no Forte do Leme, no Rio de Janeiro (RJ), entre militares do Quadro Complementar de Oficiais (QCO) e Oficiais Técnico-Temporários (OTT), há mulheres nas áreas de Psicologia, Magistério, Administração, Estatística, Comunicação, Pedagogia, Economia, Biblioteconomia, Saúde e Informática. Considerando somente os servidores civis do CEP, existe a supremacia feminina, onde mais da metade dos funcionários são mulheres. Em 2016, a “Semana de Ciências Humanas”, evento de caráter acadêmico promovido anualmente pelo CEP/FDC, teve como tema central “Mulheres na Sociedade”.

Historicamente, o CEP/FDC também viveu a inserção da mulher no Exército Brasileiro (EB). Em 1992, das 49 concluentes da então Escola de Administração do Exército (EsAEx), nove foram classificadas para servir no CEP/FDC. Uma das tenentes pioneiras era **Maria Sandra Sousa Lopes**, que serve lá até hoje. Neste ano, ela foi promovida à coronel, formando, com outras sete de sua turma, o grupo das primeiras coronéis do Exército Brasileiro (EB).

A Coronel **Sandra Lopes** é chefe do Centro de Estudos Estratégicos e Educacionais do CEP/FDC e está à frente de uma equipe composta por oficiais combatentes e temporários de vários postos e graduações e servidores civis. “*Procuro transmitir exemplos de profissionalismo e motivação, principalmente para abrir espaço para as mulheres que virão. Acredito que sempre poderei contribuir com o EB*”, ressalta a pioneira, que não demonstra acomodação depois de 25 anos de serviço: “*sou coronel com o mesmo entusiasmo de tenente*”.

Com formação superior na área de Administração, a Coronel **Sandra Lopes** sempre buscou o aperfeiçoamento. Com relação ao conhecimento técnico e ao preparo militar, afirma: “*Estudei muito, porque era uma forma de haver igualdade de gênero em todos os postos*”.

O pioneirismo vai além do gênero. Concernente à sua área de formação, a coronel esteve à frente da implementação dos primeiros computadores do CEP, bem como do funcionamento em rede dos equipamentos, em meados da década de 1990.

A vaidade feminina nunca foi deixada de lado, embora sempre atrelada ao que o regulamento militar permite. “*A vaidade não deve ressaltar a sensualidade, porque não é ambiente para isso, o que não significa masculinizar*”, argumenta.



Coronel Sandra – pioneira do Quadro Complementar de Oficiais.

ASSESSORA LINGUÍSTICA

A Tenente-Coronel **Mara Raquel da Silva Barbosa** também é “da Turma de 92, com muito orgulho!”. Hoje, ela é Subcomandante do CIdEx, Chefe da Divisão de Ensino e da Seção de Francês. Serviu na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e no Instituto Militar de Engenharia (IME), antes de chegar ao CEP/FDC, em 2005.

Em 1980, buscou oportunidades nas outras Forças, que já permitiam o ingresso de mulheres, mas nenhum concurso abriu vaga para sua área: Francês.

No Exército, lembra-se da primeira missão desafiadora: atuar como assessora linguística – praticamente um eufemismo para a função de intérprete – de um militar italiano que faria um pronunciamento em francês para uma plateia multilíngue.

Outros desafios estariam por vir. Em 2007, a Tenente-Coronel **Raquel** partiu em missão para o Haiti, a fim de apoiar, como assessora linguística, com outras três mulheres, o 7º contingente. “*Sem dúvida, foi a experiência mais marcante, porque tive oportunidade de participar de operações reais, de verificar o planejamento e a execução de tudo. Aujourd’hui, je suis sûre que j’ai pris la décision correcte*”, afirma a militar, que, de fato, fez as escolhas corretas pelo Francês e pelo concurso do QCO.



PSICOLOGIA

As missões no Haiti estão intimamente ligadas ao segmento feminino das três Organizações Militares (OM), localizadas no Forte do Leme. A Major **Soraya Reis Dantas**, Chefe da Divisão de Pesquisa do CPAEx, responsável pela supervisão de toda a área de Psicologia, foi a primeira mulher a participar de uma delas, em 2006, no início das atividades da MINUSTAH. Na ocasião, havia duas mulheres na missão: ela e uma servidora civil. O trabalho foi pioneiro porque, no retorno, ambas produziram um relatório para o Comando de Operações Terrestres (COTER) desmistificando a ideia, então vigente, de que a presença feminina não era bem-vinda em missões de paz.

Antes da missão no Haiti, a Major já havia participado de outras duas: Força Militar de Paz em Angola, trabalhando com a desmobilização dos militares que voltavam ao Brasil, e Timor Leste.

A Major **Soraya** faz parte da primeira turma do QCO com vaga para psicólogos. Era 1997 e já trabalhava no CEP/FDC como servidora civil contratada para projetos de psicologia organizacional.

Mais do que a questão de gênero, a Major **Soraya** enfrentou o desafio da aceitação da especialidade e do trabalho do psicólogo no Exército. *“No início, as mulheres ficavam restritas à área de saúde, ao magistério ou às instituições de ensino. O nosso trabalho exigia*

deslocamento constante para outras unidades de pronto-emprego e operacionais, onde não havia infraestrutura, como banheiros femininos, e onde éramos colocadas em xeque”, recorda. “Aos poucos, fomos transmitindo credibilidade. Hoje o cenário é outro, tanto em infraestrutura, quanto em mentalidade. Para isso, foram necessários muito estudo e observação para aprender e evoluir na carreira.”

O CPAEx tem, atualmente, 22 oficiais técnicos temporários da área de Psicologia. A função delas é a avaliação psicológica empregada em três situações: a admissão em cursos de especialização do Exército; a seleção, preparação, acompanhamento e desmobilização de Missões de Paz sob a égide da ONU; e o concurso de admissão para ingresso na carreira militar.

“Acordo dia após dia com a certeza de que tudo valeu a pena. Tenho convicção de que escolhi a carreira certa na instituição certa: o EB”, enaltece a Major **Soraya**, que completa 20 anos na Força em 2017, sem contar o período em que foi servidora civil.

IGUALDADE

“Ficava arrestanda quando diziam que alguns trabalhos da fazenda eram coisa de homem. Queria mostrar a meu avô que eu também conseguia fazer”, relembra a 1º Tenente **Lílian Kécia Saldanha Rabelo Campelo**, que buscou a igualdade de gênero ainda na infância e adolescência, em Fortaleza (CE). O avô não viu a neta vestir a farda verde-oliva, tirar serviço e fazer o Estágio de Adaptação à Vida na Caatinga, porque faleceu um mês antes do seu ingresso na Força.

Saber que o Exército tinha espaço para mulheres foi o início do sonho que se concretizaria, em 2010, no 72º Batalhão de Infantaria Motorizada, em Petrolina (PE). Nessa época, além da graduação em Economia, era pós-graduada e mestre em Administração. Depois de dois anos e meio como militar, foi mãe pela segunda vez.

“Descobri a segunda gravidez depois de uma missão em campo e de um Teste de Aptidão



Major Soraya.



Tenente Lilian Campelo.

Física. Anna Laura já nasceu com a adrenalina verde-oliva. Nunca salientei as dificuldades de ser militar para meus filhos. Sempre foquei no fato de que é uma carreira nobre, para dar orgulho a eles.”

Em Petrolina, **Lílian** foi voluntária em um estágio que é obrigatório para combatentes, realizado no sertão pernambucano. *“Eu tirava serviço na unidade e queria dar o exemplo de forma completa. O estágio me reportou à infância por ser na caatinga e também porque foi a oportunidade de mostrar que era possível, mesmo que eu tivesse ouvido, quando pequena, que certas coisas não eram para mulher.”*

Há dois anos e meio no CEP/FDC, a Tenente **Lílian Campelo** atua na Divisão Administrativa. “É muito gratificante ser digna de vestir a farda, prestar continência, defender, da maneira que me compete, a Nação”, afirma com os olhos marejados de emoção. “A motivação de hoje é igual ou maior da que quando entrei. É como o sprint final em uma corrida”, compara a tenente, que é maratonista.

ENTRE LIVROS

A Biblioteca do CEP/FDC é chefiada por uma mulher. A 2º Tenente **Ana Carolina de Souza Pereira** ingressou na Força em 2014. Formada em Biblioteconomia, é pós-graduada em Gestão Empresarial e Sistemas de Informação e faz Mestrado em Propriedade Intelectual e Inovação Tecnológica. É a segunda oficial mais moderna do CEP/FDC, o que não tira dela a responsabilidade de gerir um acervo de 11 mil títulos, que atende a alunos dos cursos regulares do centro e pesquisadores de instituições de ensino civis.

*“Com o passar do tempo, a aceitação e o respeito ao trabalho realizado não é questão de gênero, mas de confiança, conquistada pela competência. É provar que a mulher militar merece estar na Força porque tem conhecimento e domínio do que faz”, destaca a Tenente **Ana Carolina**, integrante da Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (Rede BIE), que reúne 29 bibliotecas.*



Tenente Ana Carolina.



Professora Ana Paula.

MULHER CIVIL

Servidora Civil no CEP/FDC desde 1991, a Psicóloga **Mirsa Maria Araújo Quintão** concorda com a Tenente **Ana Carolina** no que diz respeito à igualdade de gêneros. *“Fui sempre muito respeitada como profissional no Exército, mesmo quando houve discordância sobre pareceres”*, afirma. Mas, também, concorda com a Major **Soraya**: *“Nunca fui discriminada pelo fato de ser mulher, mas o fato de ser psicóloga gerou uma reação diferente dos militares em muitos momentos. É o discurso que cria problemas, não o gênero.”*

Quando ingressou no CEP/FDC, por meio de concurso público, havia cerca de 10 psicólogas civis desenvolvendo o trabalho de seleção psicológica, acompanhamento, avaliação e treinamento. **Mirsa** esteve no Haiti em 2008, em acompanhamento de seleção para a MINUSTAH.

*“Fico orgulhosa quando percebo a credibilidade do Exército, que é respeitado por outras instituições que entendem a necessidade da Força Terrestre para a soberania nacional”, revela **Ana Paula de Moraes Teixeira**, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professora do CEP/FDC desde 2008. No mesmo concurso de **Ana Paula**, foram aprovadas outras três professoras nas áreas de Psicologia e Pedagogia. “Fomos recebidas com boa infraestrutura e solenidade na posse. O respeito veio aos poucos e mostrou que não é questão de gênero, mas de competência e de conhecimento que a mulher tenha na área que atua.”* 



Professora Mirsa



2º SARGENTO

LIDIANA REINALDO JILÓ DA COSTA



Integrante da primeira turma do segmento feminino no Curso de Operações na Selva

Ldesde a infância, a 2º Sargento **Lidiana** teve um referencial militar: seu Pai, suboficial de Comunicações. Ela ingressou no Exército Brasileiro (EB) pelo Quadro de Saúde.

Servindo em área especial da selva amazônica e vendo seus colegas proferirem a oração do Guerreiro de Selva, sentia-se desapontada, pois apenas os homens podiam frequentar o curso. Algum tempo depois, ficou sabendo, por um oficial do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), que as mulheres também poderiam ser, em breve, Guerreiras de Selva.

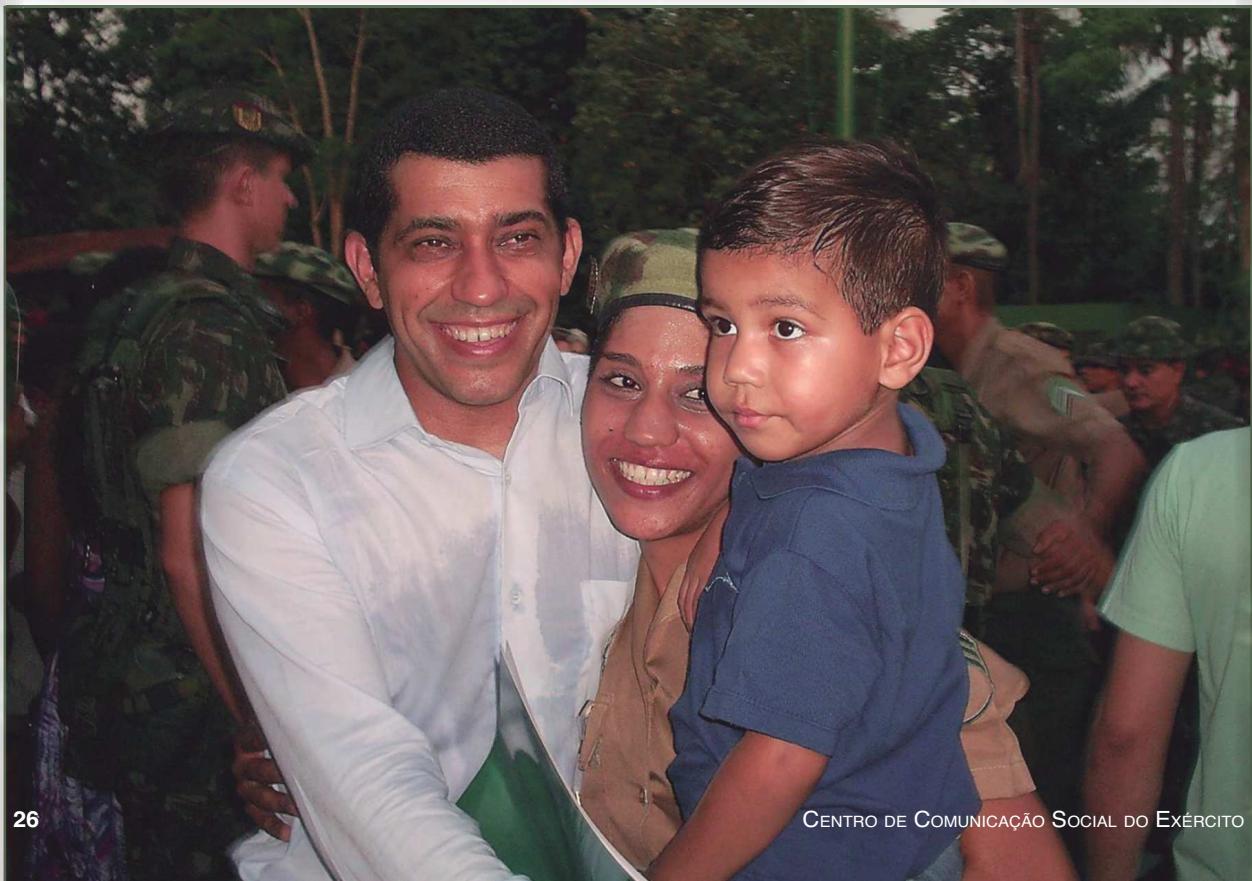
Fez parte, então, da 1ª Turma do Curso de Operação na Selva que incluiu o segmento feminino (COS "F"). Além do grande desafio de entrar naquele universo, dominado pelo gênero oposto, tratava-se também de um dos cursos mais admiráveis e difíceis de serem concluídos no EB.

Constituir o pioneirismo da mulher na Força Terrestre não foi fácil. **Lidiana** não pensou nas diferenças, seguiu em frente, na certeza de que o gênero não poderia ser empecilho. Com apoio

do seu esposo, que assumiu os cuidados do filho de dois anos, seguiu para Manaus, com a frase bíblica em seu coração: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece".

A capacidade de suportar o desconforto e a fadiga, deixando de lado a vaidade feminina, raspando a cabeça e usando uniforme, na maioria das vezes molhado e sujo de lama, durante oito semanas, desenvolveram na 2ª Sargento **Lidiana** atributos sem os quais ela não conseguiria sobreviver na misteriosa floresta Amazônica. Passou a encarar desafios e a descobrir valores da carreira militar que, talvez, em circunstâncias normais, não seria capaz.

A Sargento **Lidiana** afirma: "Ser militar do EB já é, por si só, motivo de grande honra. Mas ter conquistado o direito de carregar a "onça no chapéu", fazer parte da história da Força Terrestre e contribuir, de maneira ímpar, para a valorização da mulher, não só no âmbito do Exército, mas também na sociedade brasileira, faz transbordar o meu sentimento de honra de ser Guerreira de Selva. Guerreira de Selva nº 4.983".





Em 2007, após concluir o Curso de Formação de Oficiais (CFO), na Escola de Saúde do Exército, a Capitão **Maria Cecília** foi classificada no 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, em São João del Rei (MG).

Voluntária para realizar o Curso Básico de Montanhismo, a Capitão é Guia de Cordada Número 22.041, sendo a primeira mulher a realizar o referido curso, que iniciou com 30 alunos e finalizou com apenas 18. Na oportunidade, **Maria Cecília** foi a única mulher que frequentou o curso.

Depois de servir no Hospital Militar de Área de Campo Grande (MS), como adjunto na Farmácia Hospitalar, foi transferida para o Hospital Escola da Academia Militar das Agulhas Negras (HE-AMAN).

Durante o Estágio de Montanha da Seção de Instrução Especial (SIEsp/AMAN), para cadetes da Academia da Força Aérea, a militar participou como observadora e depois como instrutora, devido à presença de quatro cadetes do sexo feminino. Em decorrência da experiência bem sucedida, atuou durante três anos como instrutora na SIEsp de Montanha. Participou, também, das SIEsp de Selva, ministrando instrução de primeiros socorros e técnicas aeromóveis nas torres da Área de Instrução Especial; e na de Patrulha de Longo Alcance, atuando no controle fisiológico para prevenção da rabdomiólise e estabelecendo protocolos de controle da hidratação, por meio da densidade urinária.

No ano de 2016, foi a primeira Chefe da Seção de Saúde do Corpo de Cadetes, criada após a desvinculação do HE/AMAN, hoje Hospital Militar de Resende. Nessa função, implantou o Sistema de Prontuário dos Cadetes, controle de baixas, dispensas e intercorrências em atividade no terreno, sendo possível estabelecer grupos de riscos para os cursos, garantindo maior segurança nas instruções.

Atualmente, a Capitão **Cecília** é Chefe do Depósito de Saúde Classe VII e Chefe do Laboratório de Análises Clínicas do Centro de Material de Aviação do Exército – Base de Aviação de Taubaté (CeMAvEx – B Av T). 